

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC**

**CENTRO DE ARTES, DESIGN E MODA - CEART**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROF-ARTES**

**IARACI DE SOUZA SILVA**

**PRETAGONISTA:** teatro experimental e as *escrevivências*  
na promoção da educação antirracista e antimisógina em sala de aula

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes, Centro de Artes, Design e Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina, como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Artes.

Área de concentração: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes

Orientador: Professor Dr. Vicente Concilio

FLORIANÓPOLIS-SC

2023

**PRETAGONISTA:** teatro experimental e as escrevivências na promoção da educação antirracista e antimisógina em sala de aula

## RESUMO

O artigo versa sobre um processo de criação coletiva em teatro cuja prática ocorreu, em 2021, em meio a pandemia da COVID-19, em uma turma de quinto ano, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, comunidade da *Bonja*, em Porto Alegre/RS. A escola é atravessada por um comportamento naturalizado entre os estudantes, o *arreganho*, identificado como racismo recreativo e misoginia em sala de aula. Com o intuito de enfrentar o problema, elaborou-se a pergunta: *as histórias reais e ficcionais sobre mulheres e meninas negras podem incitar que a/o adolescente seja Pretagonista frente ao racismo recreativo e a misoginia em sala de aula?* Assim, recorreu-se à contação de histórias e à performance teatral. A proposta está fundamentada na lei 11.645/08, atendo-se ao ensino de história e cultura afro-brasileira na educação básica na área de Literatura e das Artes e a Emenda Parlamentar Impositiva nº 13/2021 que instaura a elaboração de coletivos de Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS. Quanto ao referencial teórico, sobressaem-se bell hooks, ensinando comunidade, pensamento crítico e o amor como elementos significativos na educação. Abdias Nascimento, com o Teatro Experimental do Negro e as *Escrevivências* de Conceição Evaristo ao evocarem a relevância da representatividade de pessoas negras em espaços de poder e de suas narrativas de vida para serem *Pretagonista*. Logo, suscitou a criação do Coletivo de Teatro Experimental Infantojuvenil em 2022.

Palavras-chave: *Escrevivências*. Teatro experimental. Educação Antirracista e Antimisógina. *Pretagonista*.

## RESUMEN

El artículo trata de un proceso de creación colectiva en teatro cuya práctica ocurrió, en 2021, en plena pandemia de COVID-19, en una clase de quinto grado, en la Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, comunidad de Bonja, en Porto Alegre/RS. La escuela está atravesada por un comportamiento naturalizado entre los alumnos, la arenga, identificado como racismo recreativo y misoginia en el aula. Para enfrentar el problema, se elaboró la pregunta: *¿pueden las historias reales y ficticias sobre mujeres y niñas negras incitar al adolescente a ser un Pretagonista contra el racismo recreativo y la misoginia en el aula?* Por lo tanto, recurrimos a la narración de cuentos y a la representación teatral. La propuesta se basa en la ley 11.645/08, centrándose en la enseñanza de la historia y la cultura afro-brasileña en la educación básica en el área de Literatura y Artes y la Enmienda Parlamentaria Impositiva N ° 13/2021 que establece el desarrollo de la Educación colectiva para las Relaciones Étnico-Raciales en la Red Municipal de Educación de Porto Alegre / RS. En cuanto a la referencia teórica, bell hooks se destaca, la enseñanza de la comunidad, el pensamiento crítico y el amor como elementos significativos en la educación. Abdias Nascimento, con el Teatro Experimental do Negro y los Escritos de Conceição Evaristo al evocar la relevancia de la representatividad de las personas negras en los espacios de poder y sus narrativas de vida para ser Pretagonista. De ahí surgió la creación del Coletivo de Teatro Experimental Infantojuvenil en 2022.

Palabras clave: *Escrevivências*. Teatro experimental. Educación antirracista y antimisógina.  
*Pretagonista*.

## INTRODUÇÃO

*O Pretagonista, Teatro Experimental e as Escrivivências na educação antirracista e antimisógina em sala de aula* foi um processo de criação coletiva em teatro, em 2021, com 25 estudantes de uma turma de quinto ano do ensino fundamental, na rede pública do município de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Sra de Fátima, na Vila Fátima. que é uma das favelas que formam a comunidade da *Bonja*, como é carinhosamente chamada pelos moradores.

A comunidade é formada por vilas, becos, vielas e sua população é majoritariamente negra. Inicialmente a *Bonja* era o Mato Sampaio, ao ser povoada, foram surgindo as vilas: Pinto, Mariano, Divinéia, Fátima, Brasília, como narrou dona Santinha, nascida e criada na Vila Fátima e ex. funcionária da escola, em entrevista sobre a origem da *Bonja* e da instituição, resultando em uma performance no ano de 2022, em comemoração aos 65 anos da instituição, PR 65. Sobre a criação da *Bonja* ela disse: *\_ antigamente era tudo mato... minha mãe construiu sua casa com caixas de tomate. Nosso terreno era grande, mas as pessoas foram chegando e minha mãe foi dando um pedacinho de terra para cada um que chegava, só com a roupa do corpo e todo mundo se ajudava. O colégio era de madeira, eu nasci junto com ele, agora ele é grande, tem tudo, como o posto de saúde e a associação comunitária que conseguiu tudo isso para nossa comunidade* (Santa Margarida, entrevista concedida em 13/05/2022). Sua história de vida mistura-se com a história do lugar e da escola.

Então, *Bonja*, é sobre a favela, diferente quando cita-se o bairro Bom Jesus, localizado no entorno, um bairro de classe média e baixa. Nesse contexto escolar, temos crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, reflexo da desigualdade racial no Brasil, tal qual apontou a pesquisa do Departamento de Economia e Estatística, DEE/RS, em 2021, indicando marcadores significativos de diferença na qualidade de vida entre pessoas brancas e pessoas negras no estado do Rio Grande do Sul e, Porto Alegre, como a capital brasileira de maior segregação racial.

No *quinto*, como denominaremos a turma, as pessoas negras correspondiam a 73%, incluindo a professora e, deste percentual, o número de meninas negras era de 52% em relação aos meninos negros e em relação às meninas correspondiam a 90%. Atenta a esse fato, associei a linguagem teatral à Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER). Diante dos dados, identifiquei em sala de aula a *cultura do arreganho* - comportamento hostil naturalizado entre as crianças e os adolescentes no dia a dia da nossa escola

considerado como brincadeira, zoeira enquanto gíria popular no Rio Grande do Sul. Na turma, o *arreganho* caracterizava-se como racismo recreativo e misoginia pelas constatações das ofensas de natureza racista e das agressões físicas desferidas uns aos outros, em particular às meninas negras, de desvalia e ridicularização de sua imagem, caráter, raça e gênero. Isso suscitou a pergunta: *as histórias de vida e ficcionais sobre mulheres e meninas negras podem incitar a/o adolescente a ser Protagonista, frente ao racismo recreativo e a misoginia em sala de aula?* Isto posto, precisava desnaturalizar o comportamento misógino e racista de alguns meninos e meninas da turma, fazendo-os refletir criticamente, incitando a formação de uma comunidade nas aulas de teatro centrada no amor e em valores de boa convivência para serem protagonistas em sala de aula.

A proposta está alicerçada na obrigatoriedade do ensino de história africana e afro-brasileira no currículo da educação básica, em especial a área de linguagem, artes e literatura, conforme preconiza a Lei 11645/08 que modificou a Lei 10639/03 e a redação do artigo 26, em 26-A da Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases, LDB, incluindo a educação indígena na promoção da educação para as relações étnico-raciais (ERER). Bem como, contemplar a Resolução CNE/ Conselho Nacional de Educação, nº 2, de 22 de dezembro de 2017 - “Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC , a ser respeitada obrigatoriamente ao longo das etapas e respectivas modalidades no âmbito da Educação Básica”. Ainda que este documento não evidencie a Educação para as Relações Étnico Raciais como dispõe a lei 11645/08, considere o seu artigo 2º, sobre as habilidades essenciais “definidas como conhecimentos, atitudes, valores e a capacidade de os mobilizar, articular e integrar [...]”, evidenciadas nas seguintes propostas em artes para os anos iniciais do ensino fundamental:

(EF15AR19) **Descobrir teatralidades na vida cotidiana**, identificando elementos teatrais [...] (EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, **ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro**, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva; (EF15AR23) **Reconhecer e experimentar**, em projetos temáticos, as relações processuais entre **diversas linguagens** artísticas; (EF15AR25) **Conhecer e valorizar** o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se **suas matrizes indígenas, africanas** [...] (EF15AR26) **Explorar** diferentes tecnologias e **recursos digitais** (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos **processos de criação artística**. (BNCC, pág. 205, 2018, grifo nosso).

Considere também a Emenda Parlamentar Impositiva nº 13/2021 que instaura a elaboração de coletivos de ERER, na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS.

Em vista disso as aulas de teatro incitaram temas a respeito da negritude, branquitude, questões de gênero, raça e mobilidade social. Sendo o “Pequeno Manual Antirracista”, obra da filósofa Djamila Ribeiro (2020), nosso meio de diálogo com as escritoras bell hooks, Lélia Gonzales, Carla Akotirene e Neusa Santos a respeito de autoamor, feminismos negros, empoderamento, intersecções de raça, gênero e representação, respectivamente, convidando as/os estudantes a serem sujeitos participativos na pesquisa.

Entre os desafios em fazer teatro em sala de aula havia a COVID-19, a qual gerou o distanciamento social e o rodízio semanal de estudantes na turma, dificultando o processo criativo, pois o grupo nunca era o mesmo e as ausências eram recorrentes. As rupturas na turma desencadearam discussões, perdendo-se o foco em meio às vozes que ecoavam na sala e aos corpos inquietos que insistiam em levantar a todo momento, sendo necessário a intervenção da supervisão pedagógica para ajudar a tornar o ambiente acolhedor à escuta, ao silêncio, ao diálogo e termos uma abordagem amorosa.

O amor é o que o amor faz, e é nossa responsabilidade dar amor às crianças, quando as amamos, reconhecemos com nossas próprias ações que elas não são propriedades, que têm direitos os quais nós respeitamos e garantimos (HOOKS, p.63, 2021).

A essa altura, eu tinha ciência das peculiaridades a serem aprofundadas com os estudantes no andamento da pesquisa. Almejei conquistar mais empatia e autoamor, e, por consequência, melhorar o convívio em sala de aula, disponibilizando momentos de escuta e movimento pelos espaços da escola, como ir à biblioteca, área coberta/ palquinho, quadra de esportes, sala de multimeios, lugares que não costumavam ocupar nas aulas de artes. Ao longo do processo, tivemos 54 encontros. Nossas aulas eram de 45 min, duas vezes por semana, tempo insuficiente para a execução das atividades planejadas: rodas de conversa, contação de histórias ficcionais e de vidas, brincadeiras, entrevista, assistir a cenas de filmes, realizar oficinas de dança afro-brasileira, teatro de objetos, adereços cênicos, escrita criativa<sup>1</sup>, montagem de roteiro e da performance, por esse motivo, a parceria com as

---

<sup>1</sup> Surgiu oficialmente, em 1936, com John Gardner o qual criou o pioneiro programa de escrita criativa da Universidade de Iowa/ USA. No Brasil professor Gilson Rampazzo (1967). Não se trata de possuir ou não criatividade, mas desenvolvê-la a partir de um estímulo, no nosso caso, partimos das histórias cotidianas narradas pelas/os estudantes, estimulando-as/os a escrevê-las por desenhos em quadrinhos, pela própria imaginação, por outras histórias, pela audição de uma música, colagens de figuras retiradas de revistas, figuras geométricas, objetos, roteiros de perguntas e caça-palavras que os conduzissem à escrita de pequenos textos utilizando-se de diferentes recursos de linguagem e perceber a escrita por diferentes perspectivas. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/Ebooks//Web/x-sihl/media/comunicacao-52.pdf>>. Acesso em: 20/07/2020.

professoras regente da turma e a volante foi relevante. Eu participei de quatorze aulas das colegas para contemplar as atividades propostas.

Os momentos de escuta, escrita e corporeidade aconteceram de maneira prática e sistemática primando por autonomia e respeito. Ocasões em que exploravam a criatividade ao escrever sua autobiografia, realizar entrevista ou recontar e performar história. Na sequência a sala de vídeo tornou-se ambiente para assistir a cenas de filmes animados da Disney como: A Princesa e o Sapo, o Rei Leão e Cinderela em diferentes versões, atraindo os participantes a refletir sobre a visibilidade das personagens negras no cinema, bem como, ouvir e analisar fatos históricos de Maria Firmina dos Reis, Teresa de Benguela, Cleópatra e Njinga, mulheres afro-brasileiras e africanas.

Somou-se a isso a possibilidade de obterem maior autoconhecimento, autovalor, responsabilidade e respeito a representatividade de mulheres negras, através de histórias reais, ficcionais e narrativas cotidianas sobre o *arreganho*, nas *escrevivências* das meninas negras do *quinto* e da professora. As *escrevivências* a que me refiro é a escrita das experiências cotidianas, em sala de aula, associadas a situações de discriminação dessas meninas e do relato de vida da pesquisadora. O termo "escrevivência" foi criado pela linguista e escritora Conceição Evaristo, em 1994, e significa a união das palavras, escrever e vivência, para além da genealogia. O arranjo era o fio condutor à reflexão crítica da existência de si mesmo e de pessoas negras no Brasil, olhando assertivamente para o passado em reconhecimento à ancestralidade.

Logo, as escutas nos conduziram ao conto ficcional *Ombela, a Origem da Chuva* de Ondjaki, inspirado na cosmopercepção angolana, África. Baseado no conto, realizamos a performance teatral *Ombela*. Durante a apresentação, constatei uma mudança na postura dos meninos frente às meninas, pois não agiam mais agressivamente, compartilharam e cooperaram com as ações no processo de criação da performance. Na roda de conversa realizada com as meninas negras do *quinto*, elas citaram os arquétipos das grandes mulheres que tinham conhecido e o quanto essas imagens passaram a inspirá-las, assim como, alguns episódios relatados pela professora sobre sua história de vida, inclusive, no fim do ano, surgiram *as cartas para iara*, agradecendo os momentos vivenciados. Tecendo a dramaturgia do teatro experimental *pretagonista* imbuído no que concerne à educação e a cultura negra constituindo uma comunidade em sala de aula (HOOKS, 2021).

Ao finalizarmos a proposta, confirmei que a ironia de cunho racista, as injúrias proferidas, a desvalia da presença e da imagem feminina de meninas negras, implicava pouca competência socioemocional, "(...) preocupados com o olhar de desconfiança e

reprovação que vem dos outros?” (SANTOS, p.162, 2021) das/dos estudantes, preconceito, estereótipo e discriminação, requerendo um olhar sensível e crítico à interseccionalidade de raça e gênero (AKOTIRENE, 2020). A situação invocou a necessidade de reconhecer a mulher e a culturalidade afro-brasileira performada na força da palavra contida na oralidade africana como nos sinaliza Hampâté Bâ ao invocar seu mestre Tierno Bokar, em sua obra “Amkoullel, o menino fula” (p. 175-176, 2021):

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. É a herança de tudo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

A pesquisa de caráter participativo alinou-se às ideias do Teatro Experimental do Negro - TEN, (Nascimento, 1944), no que tange a educação, a representatividade e a performance do corpo negro associado à metodologia de escrita de Conceição Evaristo para emergir narrativas em diálogo com outras referências negras, concebendo fluidez ao processo de criação do *Pretagonista* iniciado na escuta de relatos de *Escrevivências*.

## 1. TEN- Teatro Experimental do Negro

### 1.1 Breve relato

Foi Abdias Nascimento quem idealizou o TEN, Teatro Experimental do Negro no Brasil, a partir da seguinte reflexão, ao assistir a peça teatral *O Imperador Jones*, em 1941, no Peru. A peça escrita originalmente, em 1920, pelo dramaturgo estadunidense, Eugene O’Neill, traz o homem negro como personagem principal da trama.

VÁRIAS INTERROGAÇÕES suscitaram ao meu espírito a tragédia daquele negro infeliz que o gênio de Eugene O’Neill transformou em *O Imperador Jones*. Isso acontecia no Teatro Municipal de Lima, capital do Peru [...]. Ao próprio impacto da peça juntava-se outro fato chocante: o papel do herói representado por um **ator branco tingido de preto**. (NASCIMENTO, p. 209, 2004, grifo nosso).

Estima-se que a prática do *blackface*<sup>2</sup> surgiu no teatro norte americano, nos Estados Unidos da América, em 1830, como podemos conferir na figura a seguir, do artista Billy Van, o pôster é alusivo ao ano de 1900.

---

<sup>2</sup> O uso da maquiagem com a intenção de caricaturizar pessoas negras é um comportamento **racista** e ofensivo [...] afirmam especialistas no estudo da História das relações raciais. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/por-que-o-blackface-e-uma-forma-de-racismo/>> Acesso em: 25 de maio de 2022.



**Figura 1:** Billy Van, the monologue comedian, 1900. This image is available from the United States Library of Congress's Prints and Photographs division under the digital Ivar.1831. Disponível em: <https://nmaahc.si.edu/explore/stories/blackface-birth-american-stereotype>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

Abdias percebeu o racismo no teatro e juntamente com outras pessoas do cenário teatral brasileiro, criou o Teatro Experimental do Negro, TEN, espaço cênico, cultural e alfabetizador (NASCIMENTO, 2004). Seu objetivo principal: promover o protagonismo das pessoas negras no teatro brasileiro, pois ao negro e à negra eram concedidos papéis secundários e de pouca significância. Em 1945, o coletivo encenou a peça de O'Neill, que cedeu os direitos autorais pela semelhança ao contexto estadunidense da década de 20. “Não cumprira a obra de O’Neill idêntico papel nos destinos do negro norte-americano?” (NASCIMENTO, p. 212, 2004). O espetáculo foi brilhante e aconteceu por uma noite no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, um feito histórico concedido por intervenção do então presidente Vargas. Até aquela data nenhuma pessoa negra havia pisado naquele lugar, nem como espectador.

O TEN configurou-se como referência em teatro negro no Brasil, inclusive entre 1952 e 1953 conquistou espaço na antiga TV Tupi, veiculando teleteatro, também foi importante organização antirracista colaborando com o movimento nas conquistas sociopolíticas para a população afrodescendente no país e ajudou muitos artistas ascenderem profissionalmente, como Ruth de Souza, (1921-2019), primeira atriz negra da Rede Globo de Televisão a ser protagonista, em 1969, na telenovela *A Cabana do Pai Thomás*, mesmo a obra tendo sido bastante criticada, pois o papel de Thomás era protagonizado por um ator caracterizado de negro, ou seja, *blackface*. Outra artista que

marcou a trajetória do TEN, foi Mercedes Baptista, (1921-2014), primeira bailarina clássica negra do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, porém, por racismo, nunca obteve o devido reconhecimento. Ela então cria o *1º Balé Folclórico Afro-brasileiro* indicando caminhos para a dança afro-brasileira.

Dezessete anos depois de sua criação, em 1961, o Teatro Experimental do Negro encerrou suas atividades por problemas financeiros, todavia suscitou a criação de incontáveis grupos de teatro negro pelo país. Seus ideais inspiraram o *Pretagonista* a conceber o Coletivo de Teatro Experimental Infantojuvenil Afro-ameríndio, em 2022.

## 1.2 O que é o *Pretagonista* e qual sua relação com o TEN?

*Pretagonista* são os participantes de um processo de construção coletivo em um teatro referenciado nas vivências de mulheres afro-brasileiras e africanas e na cosmopercepção angolana, em busca de ressignificação da percepção sobre si mesmos e de meninas negras. O Processo está pautado em três princípios: a ancestralidade, a oralidade e a circularidade. Sobre isso a professora Sandra Haydée Petit, em seu conceito teórico-prático intitulado Pretagogia (2015) discorre que a ancestralidade é marco inicial de busca e encontro do eu com a cosmologia africana e a oralidade compreendida nas histórias passadas de geração a geração pelos mais velhos aos descendentes, sendo a circularidade o movimento corporal essencial nas danças de roda afro-brasileiras à conexão afroancestral e elo dos três elementos. Também considerei a ideia de Petit, referenciando as histórias ficcionais e reais a serem experienciadas no teatro, a educação e os valores africanos, afro-brasileiros e as *escrevivências* de cada um. Aguçando os corpos a circularem e se conectarem com a história ancestral angolana, à reflexão e à ação coletiva, a fim de resolverem a constante oposição presente nas relações afetivas com seus pares, valendo-se das sensações, das emoções e do pertencimento ao passado e ao presente negro. “A memória e a lembrança [...], no centro das quais se situa o corpo e tudo o que extrapola [...]. Não existe, portanto, memória que, num dado momento, não encontre sua expressão no universo do sensível, da imaginação e da multiplicidade.” (MBEMBE, 2018, p.215). Voltar e corporificar o passado no presente para entender esse lugar de pertencimento e perguntar: Como chegamos até aqui e porquê? O que podemos pensar a partir deste lugar posto e das experiências vividas por essas mulheres?

Assim, fomos entrelaçando o teatro, as experiências, as *escrevivências* e a cosmopercepção africana, enfrentando o desafio de pôr em prática um teatro *experimental* juvenil, em que eles fossem *pretagonista*.

Criar confiança geralmente significa o que temos em comum, bem como o que nos separa e nos diferencia. [...] Nós nos tornamos mais sãos quando enfrentamos a realidade, [...] e aprendemos tanto a explorar nossas diferenças [...]. E será sempre vital e necessário para nós saber que somos todos muito mais do que nossas diferenças, que não é apenas o que compartilhamos organicamente que pode nos conectar, mas o que passamos a ter em comum porque desempenhamos o trabalho de criar comunidade [...]. (HOOKS, 2021, p. 178-179)

A proposta está alicerçada nos ideais do Teatro Experimental do Negro quanto a valorização da cultura africana através da educação (PAULA, 2021), a reflexão crítica existencial do ser negra e negro na sociedade brasileira, a fim de potencializar a importância da cultura negra. Para tanto, nossa bibliografia é afrorreferenciada, escritoras e escritoras da literatura africana e afro-americana e performar histórias reais e ficcionais. Histórias que provocam a percepção assertiva de si mesmo e de seus pares, frente ao racismo recreativo e a misoginia em sala de aula, tornando-se *pretagonista* de um teatro experimental de *escrevivências* de meninas e mulheres negras engajado a múltiplas linguagens. Ademais, a abordagem artística do *Pretagonista* é a respeito da não folclorização, objetificação de costumes, rituais da cultura e da mulher negra, os mesmos objetivos do TEN, (NASCIMENTO, 2016, p. 161-162, grifo nosso).

a. **resgatar** os valores da **cultura africana** marginalizados por preconceito à mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; b. através de uma **pedagogia estruturada** no trabalho da **arte e cultura**, tentar **educar** a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão **etnocentrista** de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; c. **erradicar dos palcos** os atores brancos maquilados de preto (...); d. tornar impossível o costume de usar o ator negro em papéis grotescos ou estereotipados (...); e. desmascarar como inautêntica e absolutamente inútil a pseudocientífica literatura que a pretexto de estudo sério focalizava **o negro** (...), como um **exercício esteticista ou diversionista** [...].

Recentemente, participamos do XXIII Prêmio Arte na escola Cidadã<sup>3</sup> (2022), promovido pelo Instituto Arte na Escola - IAE, no qual fomos um dos semifinalistas, entre mais de um mil trabalhos inscritos de todo o Brasil. Também tivemos nosso resumo expandido selecionado para mostra na academia, na Universidade Estadual do Mato Grosso, em 2022, mas por razões outras, não pude viajar, participar e publicar.

### 1.3 TEJA - Coletivo de Teatro Experimental Infantojuvenil

A muito tempo a cultura negra nos dá demonstrações de resistência junto a várias

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://artenaescola.org.br/premios/2022/> Acesso em: 23 de dezembro, 2022.

comunidades afro-brasileiras. Cito as comunidades de Jongo, patrimônio cultural do Vale do Paraíba, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Grupos artísticos como o Olodum, em Salvador, BA, Terreiro Contemporâneo no RJ/RJ, o Núcleo de Artes afro-brasileiras da USP, em SP capital, Porto Iracema das Artes, Fortaleza, CE, Centro de Cultura Negra do Maranhão, em São Luís, Centro Cultural Amazonas, Manaus. Instituto afro-sul do Paraná, o Instituto Liberdade, em São José, SC, Afro-sul Odomode e Sopapo Poéticos, em Porto Alegre, RS. São alguns exemplos de arte afro-referenciada no país.

Concebi o coletivo a partir do *Pretagonista*, ideias de Nascimento, hooks, Evaristo, González e Martins. Uma fusão da pedagogia do amor, comunitária e crítica, ligada à ancestralidade experienciada em um corpo plural que necessita conhecer-se e ser reconhecido como tal. Leda Martins nos recorda de um tempo a espiralar, de um corpo-tela conectado ao ancestral, “[...] a cosmopercepção negro-africana, dispersa por suas inúmeras e diversas culturas”. (MARTINS, 2021, p.58).

Sob essa perspectiva, realizamos em 2022, três produções, a “performance PR65”, em maio, em comemoração aos 65 anos da escola, narrada com caixas de papelão simbolizando as malas de viagem, os tijolos para construção das casas e da escola, uma fusão das histórias de vida de duas mulheres da comunidade, da escola e da favela; na Semana da Consciência Negra (SECON), realizamos a performance “Da Maafa Afrikana às Manifestações Espetaculares no Brasil: Jongo e o Maracatu”, representando com malhas coloridas os rios e oceanos, o sequestro em África à escravização no Brasil e o surgimento do povo e da cultura afro-brasileira em tecidos que se transformaram em bonecas que dançavam em uma roda de Jongo, animadas por meninas do coletivo. No final de ano letivo, encenamos “Liberdade Religiosa: uma Questão de Direitos Humanos”, essa última foi também um protesto do coletivo mediante as sanções de familiares e silenciamento da direção, do corpo docente frente aos fatos vivenciados por meninas do grupo, as quais se afastaram do coletivo, segundo elas, por intolerância religiosa de familiares.

## **2. *Escrevivência* de Conceição Evaristo**

*Escrevivência* como diz Evaristo é sobre nutrir-se no âmago da existência e vivenciar a culturalidade afro-brasileira, interseccionando a narrativa do conto à oralidade e da cosmopercepção africana para *escrevivenciar* a partir do corpo enquanto território de saber e vivência, pois traz em si a resistência, a luta pela sobrevivência, o enfrentamento e a conquista pela reflexão e ação (DUARTE; NUNES, 2020).

No teatro nos possibilita mostrar, experienciar e vivenciar o que fomos, o que somos e o que queremos ser. "A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade." (EVARISTO, 2022).

Do mesmo modo Conceição Evaristo (2020) enfatiza que não confere à outra pessoa, nem outra mulher, julgar, subjugar ou querer justificar com alguma prerrogativa o que a mulher negra sente, vivencia e tem registrado na memória, pois somente ela pode falar de suas experiências e da consequência do racismo cotidiano. A concepção da escritora e linguista nos remete ao quanto amar-se é determinante à subjetividade, à identidade e ao reconhecimento da nossa força ancestral para aprender coletivamente ouvindo narrativas cotidianas relevantes ao nosso percurso. Como determinado momento em que um fato cotidiano associado ao *arreganho* foi encenado. Uma das meninas da turma saiu da sala para ir ao banheiro e voltou simulando um choro. Achando que era verdade, um colega perguntou: *\_ o que foi meu?* ela disse: *\_ Um guri do 9º me deu um empurrão e me chamou de nega cara de cavalo e vagabunda.* A simulação parecia real, queriam sair e xingar o suposto garoto, porém, a menina explicou que era encenação. Depois deu seu depoimento e falou que aquilo de fato já tinha acontecido com ela e acrescentou: *\_ Eu chorei de verdade, porque ainda dói.* (K, 09/11/2021, entrevista concedida oralmente). A partir dessa narrativa, iniciamos a escuta das histórias cotidianas. Ao longo do mês de novembro falaram a respeito do assédio, trazendo à tona o problema para análise e encaminhamentos à supervisão.

Então temas como: misoginia, sexismo, machismo, feminicídio foram abordados e contextualizados. Assistimos um vídeo sobre o ciclo do relacionamento abusivo, contaram situações familiares, falaram o quanto se sentiam tristes, mas que procuravam ficar alegres.

Invoquei: Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Davis, hooks, Lorde, Sueli Carneiro, Neusa Santos, Djamila Ribeiro, Kilomba, Chimamanda, Collins, Akotirene, Berth, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz, Evaristo e muitas outras mulheres negras. Todas as vozes ecoavam o conhecimento plural. Saúdo a trajetória destas mulheres e de nossas ancestrais.

## **2.1 Fragmentos de minha *Escrevivência***

Sugeri entrevistar uma mulher negra do contexto escolar e os estudantes elencaram o meu nome, pois tinham interesse em conhecer a minha história de vida. Hesitei, todavia fui persuadida a concordar, afinal é meu "lugar social" (RIBEIRO, 2020), organizamos a entrevista, aproximadamente 15 adolescentes estavam presentes neste dia, alguns eram

responsáveis por realizar os questionamentos, outros por desenhar o que achassem mais interessante. Na ocasião, pontuei alguns acontecimentos, retornando às memórias transmitidas por minha avó materna desde a minha primeira morada - o ventre: *\_ tua mãe quando tava barriguda de ti bebia muito.* Toda vez que eu ouvia esse fato, eu ficava olhando para o horizonte, imaginando dentro da barriga da minha mãe eu enrolada em sete voltas por uma mangueira. Aos sete meses do meu nascimento meus pais se separaram. Vovó dizia também: *\_ antes de um aninho tu caminhava.* A muitas lacunas nas minhas memórias de infância, minhas lembranças são mais vivas a partir dos meus sete anos. Quando criança, nós morávamos na vilinha, atrás da escola. Vovó era servente na escola, meus irmãos também limpavam as salas de aula, ninguém falava nada por eles serem crianças, pelo contrário, diziam que eles tinham obrigação de ajudar. Naquele tempo, a lei 8069/90 que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não existia. O ECA, coíbe o trabalho infantil até os 13 anos de idade. “Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade.” Evoco a memória de meu avô paterno vindo de Cabo Verde, África: *\_ lugar de criança é na escola. Eu tive que trabalhar desde pequeno porque meus pais eram muito pobres. Se não trabalhasse, não comia. Tanto que vim parar no Brasil, com 17 anos, longe do pai e da mãe, em busca de oportunidade... tenho saudade da minha terra, lá o mar é verdinho, com muitas tartarugas.*

Oportunidade, essa era a palavra que mais tarde entenderia na prática e perceberia na cor da pele, o seu real significado. *Nem preta, nem branca,* diziam os colegas de ensino médio, *cor de sujeira.* “O sujo está associado ao negro: à cor, ao homem e à mulher negros”. (SOUSA, 1983, p.29). Sobre minha cor parda<sup>4</sup> vovó falava: *\_ tens sorte de ter nascido menos escura que suas irmãs e irmãos. Puxou tua mãe. Poderá casar com um rapaz bom,* (sinônimo de rapaz branco), *antes que eu morra. Tenho medo de te deixar sozinha. Tu só presta para estudar...* Lembro dos meus colegas, primos e irmãos rindo porque deixei algo cair, parece que ouço a voz da minha vó me xingando e a vejo passando um creme excessivamente perfumado, de embrulhar o estômago, para os meus cabelos ficarem cheirosos e bem espichados: *\_ se não puxar bem não fica nada no lugar.* Mas que lugar era esse, senão minha própria cabeça? Onde ficavam os cabelos das meninas brancas? Os cabelos das meninas negras, especialmente os de maior curvatura, eu descobriria tempo depois que eles ficam no lugar do racismo velado. Minha avó materna foi uma boa mulher, branca.

A criatividade e os sonhos eram presença marcante em minha vida, todavia, meus

---

<sup>4</sup> De acordo com o IBGE, uma das classificações para auto-declaração é quando a pessoa possui mistura de raças.

sonhos tornaram-se sombrios, dos 10 aos 14 anos e o medo me tornou invisível, a escola meu lugar preferido. “A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. [...]” (EVARISTO, p. 76, 2017), aos 14 anos e 11 meses acordei do pesadelo e enfrentei meu agressor, a dor da morte precoce de minha mãe me encorajou e me fez adotar seu nome como meu pseudônimo. Estar na escola era meu momento de maior alegria, eu amava estudar e aprender, mesmo que vivenciasse determinadas situações constrangedoras: *... que cheiro ruim é esse... Não tomou banho hoje? Esqueceu de se pentear?* Por vezes ia à escola sem almoçar, faltava por não ter passagem escolar, além de não poder obter os livros didáticos, o que dificultou muito meu ensino médio. Na época, o Programa Nacional do Livro Didático, PNLD, já existia desde 1929, porém não havia gratuidade. Essa garantia só passou a existir a partir de 2003. Aos dezessete anos concluí o ensino médio. Pensei, *vou para a faculdade*. Não! *Você vai trabalhar para ajudar nas despesas de casa*, essa era a realidade. Ainda assim, eu desejava ingressar na universidade pública, no entanto, era impossível conciliar com trabalho e moradia indigna. Desisti e fui procurar emprego para ser bancária. Encontrei no jornal: *estamos contratando moças de boa aparência, não é necessário experiência*, era o que dizia o anúncio. Convidei uma amiga para irmos juntas, ela tinha longas madeixas que lembravam *ouro* e os olhos *da cor do mar* Cabo Verdiano das histórias de meu avô. Ela foi contratada, mas eu fiquei esperando a entrevista que nunca foi realizada. Decepção, desistir não. Jornal na mão, li: *Vagas para digitador*. Eu fiz o ensino médio profissionalizante em processamento de dados! A fila era imensa. Um teste rápido, resultado... nunca veio. Minha avó falou com o gerente de uma grande rede de lojas em Porto Alegre. Contratada, como balconista, salário mínimo. Como eu pagaria o cursinho para ingressar na universidade pública? Eu fui desistindo... desempregada... temporária... contratada para vender bronzeador., afinal eu era *perfeita, tinha a cor do pecado!* Exclamou a contratante. Terminou o verão, desempregada. Cerca de seis meses depois uma vizinha me indicou para fazer diagnóstico capilar, pois eu tinha uma cabeleira imensa, mas era crespa. Recado da entrevistadora: *tu terá que alisar teu cabelo porque ele é muito alto*. Imediatamente, me convenço. *O meu problema é o cabelo. Sempre foi só o cabelo!* Eu queria alisar meus cabelos para ser aceita nos padrões de beleza impostos pela mídia e pela sociedade. Pessoas como eu não conseguiam bons empregos, mesmo que fossem consideradas inteligentes. O que eu desconhecia, era o fato de estar *embranquecendo*, fiquei morena. “[...] Numa sociedade de classes em que os lugares de poder e tomada de decisão são ocupados por brancos, na tentativa de ultrapassar os obstáculos advindos do fato de ter nascido negro” (SANTOS, p.112, 2021). Se falasse e

risse alto: *\_ não grite!* Aqui no sul se a pessoa tem parentesco europeu dizem: *\_ ela fala alto assim porque é descendente de italiano.* Ou seja, se for descendente de europeu é cultural. Aos 25 anos eu me casei, tive um filho, me separei, em seguida o falecimento de minha avó. Três anos depois, pela *oportunidade* concedida pelas políticas de cotas instauradas no Brasil, eu faço concurso público e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) aprovada, ingresso na universidade como bolsista, Programa Universidade para Todos - PROUNI e descubro quem sou por meio do movimento negro. Caso novamente, tenho duas filhas e ouço uma parente dizer: *\_ Todo mundo embranquecendo a família e tu escurecendo.* Referindo-se ao fato de terem se casado com homens descendentes de europeus e suas filhas serem brancas. Na época, meu marido me incentivou a fazer concurso público novamente, agora, para professora, eu fiz, sou pedagoga e artista, especializada em arte educação, educação inclusiva e estou professora antirracista, antimisógina na escola pública e mestranda em artes.

Foram muitos anos de silêncio e silenciamentos. “Quando falamos do direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência”. (RIBEIRO, 2020, p. 64). Eu fui chamada de louca, em casa, na escola e no trabalho. Senti a dor que causa ser, insistentemente, deslegitimada e o teatro, a educação, a cultura negra e a descoberta da sabedoria dos ancestrais diminuíram a dor causada pelo racismo, “[...] existe sim, a compreensão do racismo ser a ideologia central na subalternidade humana [...]” (AKOTIRENE, p. 97, 2020). Minha história, é a reprise de outras histórias de quem se descobre negra advinda de um processo violento de discriminação e construção social.

## **2.2 *Escrevivências das meninas negras do quinto e outros relatos***

Antes de ouvirmos sobre as vivências das estudantes negras da turma, lemos um parágrafo do livro *Beco da Memória* de Conceição Evaristo, pois a história do livro são retratos do cotidiano de pessoas que estão prestes a serem despejadas da favela onde moram.

Era a ficção imitando a realidade. As estudantes conectaram a narrativa à ameaça constante vivida por alguns amigos e parentes, desde 2019, quando houve despejos na comunidade com o aval da prefeitura e da justiça. Segue parte do monólogo da personagem *Totó*, destinado a sua companheira, sobre suas perdas na vida e o inevitável desfecho:

Maria-Velha, dizem uns que **a vida é um perde e ganha**. Eu digo que a vida é uma perdedeira só, tamanho é o perder. Perdi Miquilina e Catita. Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravos nos campos. **Perdi um lugar**, uma terra, que pais de meus pais diziam que **era um lugar grande**, de mato, de bichos. **De gente livre** e sol forte... E **hoje, a gente perde um lugar** de que eu já pensava **dono**. Perder **a favela!** [...] (EVARISTO, 2017, p. 28 – 29, grifo nosso):

Após ler o monólogo, organizei um roteiro de perguntas e propus que as meninas negras do *quinto* desenhassem como se viam, falassem sobre si mesmas e escrevessem sua opinião em relação ao *arreganho*. Depois, as convidei para compartilharem, se quisessem, com o grupo, uma menina branca levantou-se e ficou à frente do semicírculo que fazíamos em todas as aulas e pediu para ler, não houve objeções, ainda que o foco fosse ouvir as narrativas das colegas negras, suas *escrevivências*. *Meu nome é Y, eu moro com minha vó, minha irmã e minha mãe. Eu tenho um cachorro e um gato. Gosto de comer chocolate e fico em casa. Não fico de arreganho com ninguém. Eles me incomodam desde o 1º ano e me chamam de 4 olho.* (Y, 26/10/2021, relato escrito). Esse era o único caso no *quinto* em que o *arreganho* caracterizou *bullying*<sup>5</sup>. Y é uma menina que sempre me procurava para contar sobre as perseguições dos meninos da turma.

Assim, a palavra foi circulando com toda sua força (HAMPÂTÉ, 2021), em um determinado momento, um dos meninos negros da turma que estava sempre discutindo e brigando, entretanto participava ativamente de todas as propostas, contou. *Eu sou I meu pai foi assassinado ano passado. Tenho dois irmãos minha mãe trabalha muito. Eu cuido dos meus irmãos. Se alguém bate neles eu bato em quem bateu neles. Em mim ninguém bate só minha mãe. Meu pai me batia agora tá morto. Eu faço arreganho porque ficam me incomodando. eles ficam me chamando de beijo e cabeça.* (I, 26/10/2021, relato escrito).

Havia um diálogo entre os relatos outros e as *escrevivências*, como de L. *Eu tenho mais um irmão, filho só do meu pai. Eu não me dou direito com meu pai. Nem gosto dele porque nem vejo ele direito. Nem dá pensão pra minha mãe. Ela também caso denovo. Tive um irmão mais velho que morreu do crime. Eu não gosto do crime. Isso não é pra ficar falando. Minha vó diz que é errado e que agente tem que rezar na igreja para ficar bom. Eu gosto de batuque e minha mãe também gosta. minha vó diz que é coisa do demo. Sabe do que eu mais gosto de comer sora? É chocolate e banana. Um dia o lanche na escola foi banana e um guri perguntou pra mim: \_tu que a minha banana macaca? Eu corri atrás dele e dei com minha mochila nele e me mandaram pra direção. Minha mãe foi chamada e nem*

---

<sup>5</sup> corresponde à prática de atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, cometidos por um ou mais agressores contra uma determinada vítima.

*deram bola, só falaram de mim e ela deu em mim. Eu fugi pra casa da minha tia. Fugi porque quando minha mãe fica braba ninguém segura ela. Tem guri e guria que gosta de xingar agente. No SASE também. Eu fico com muita raiva porque eles me incomodam por causa da minha cor, do meu tamanho e do meu cabelo. Agora na pandemia eu tava até gostando porque eu não tinha que vir pra escola e ficava em casa só vendo tv e brincando com minha melhor amiga. Ela estuda aqui, só não é dessa sala. agora eu tenho que vir pro colégio e tô gostando. Nunca fiz teatro. Ah, eu não gosto do meu cabelo solto. porque tem guri e guria que puxa o cabelo da gente. Os guri são chato e abusado Ficam dizendo coisinha. se agente não fica com eles, eles querem dá na gente. Minha tia diz que é pra eu estuda (L, 26/10/2021, relato escrito). Quanto ao racismo recreativo na narrativa da menina L. outras meninas negras concordaram e relataram situações semelhantes. Eu sou K Meus irmãos e irmãs não moram comigo, nem minha mãe. Eu gosto de jogar bola, não gosto da brincadeira do arreganho. se fazem comigo, eu também faço (K, 26/10/2021, relato escrito).*

Percebi que os estudantes têm consciência do problema *arreganho*, de como os afeta nas relações com seus pares, ao mesmo tempo em que confundem com brincadeira, pois nem sempre o *arreganho* é algo ruim entre eles, podendo ser inclusive a oportunidade de expressarem seus sentimentos, em um momento de suas vidas em que ora estão alegres outrora estão tristes.

Diante da questão sobre o *arreganho* ser considerado por muitos como uma brincadeira, fomos à biblioteca e à informática, para realizar uma busca no dicionário físico e no Google, em ambos encontrou-se o seguinte significado para a palavra “arreganhar: verbo transitivo direto, o mesmo que abrir, alargar (Oxford)”. Além do verbo ser usado como uma expressão popular, no sentido de estar alegre ou de sorrir espontaneamente. Todavia, revisitou-se os quinze relatos autobiográficos e, em 70% das situações vivenciadas pelos meninos e meninas do coletivo foram sinalizadas como *arreganho=brincadeira*, mesmo que admitissem as conotações preconceituosas.

A experiência manifestada na inquietude do corpo e da voz, lançou-se nas *escrevivências* das múltiplas vozes das meninas negras da turma às investidas dos meninos e na representação cênica, momentos para expressarem fatos que se repetiam e as incomodavam, como: assédio e ofensas racistas relacionadas ao fenótipo e ao cognitivo, que geravam as agressões físicas, em caso de recusa ou enfrentamento. Diante da oportunidade, os meninos negros e brancos sentiam-se à vontade para fazer o mesmo, falar sobre *arreganho*, desnaturalizando-o, nas aulas de teatro. “Histórias nos ajudam a cicatrizar”. bell hooks, (p. 23, 2021). Além disso, levei o livro do Dr. em Direito e escritor

Adilson Moreira sobre racismo recreativo, li o conceito e exemplifiquei, através da *escrivência* da estudante negra L. quando ela disse: \_ *Um dia o lanche na escola foi banana e um guri perguntou pra mim: \_Tu que a minha banana macaca?*

### **3. Pontuando Racismo Recreativo, Racismo Estrutural, Educação Antirracista e Educação Antimisógina**

#### **3.1 Afinal o que é Racismo Recreativo?**

O *Racismo Recreativo*, segundo Adilson Moreira (2019, p. 95) é: “Uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial.” Em seu livro, na coleção *Feminismo Plurais* idealizada pelas intelectuais, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro, o autor e também jurista, disserta a respeito mostrando como a naturalização do racismo em forma de humor desencadeia uma série de situações de aversão e dominação às pessoas *negras*, nas mais variadas instâncias, econômica, social, institucional e por características relacionadas à cultura e ao fenótipo, referindo-se a “piadas/brincadeiras racializadas” ditas, muitas vezes, com sutileza, mas que causam constrangimento.

Moreira expõe que não se trata de uma questão *individual*, todavia coletiva, pois é necessário que haja mobilização de órgãos públicos e movimentos sociais para desarticular os mecanismos que operam o *humor* racista que pode condicionar pessoas negras a permanecerem em papéis sociais de subalternização naturalizados e serem depreciadas, consideradas não capazes para determinados papéis sociais e espaços de poder.

Determinados programas de humor e humoristas são exemplos típicos desse humor maléfico. Nesse sentido, a mídia e artistas, a muito tempo, tem sido alvo de crítica pelo movimento negro e, recentemente pelas redes sociais na Internet. Outro costume socialmente aceito, inclusive no âmbito escolar, é nomear *racismo recreativo* de *bullying*, brincadeira, *arreganho*, piada.

O *racismo recreativo* causa dor, baixa autoestima, isolamento social, violência, intimidação, inibição, assim como o *bullying*, porém sua natureza, como já foi dito, é racial e coletiva, sendo imprescindível um movimento de esforço conjunto e contínuo da sociedade, de sujeitos e sujeitas problematizadores em espaços públicos como a escola, a fim de desnaturalizar. Para tanto, entender, minimamente, o conceito *racismo estrutural* e porque devemos promover a educação antirracista e antimisógina em sala de aula é

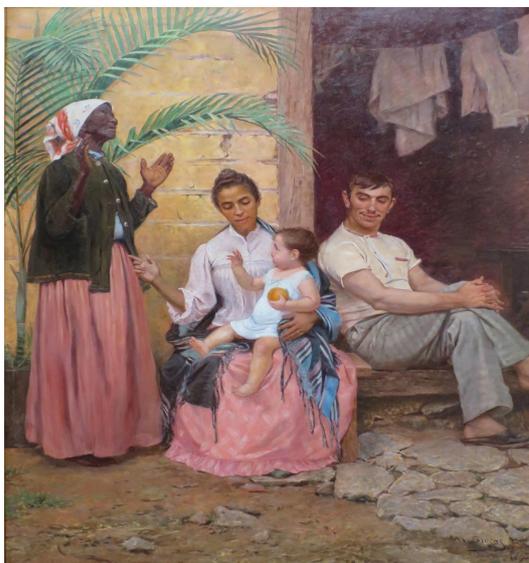
fundamental.

### 3.2 Racismo Estrutural

O racismo estrutural em nossa sociedade resulta da herança de um Brasil colônia, do sequestro e escravização de povos africanos pelos europeus, do séc. XV ao séc. XIX. para escravizá-los em seus territórios-colônia e serem “(...) transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda.” (MBEMBE, p.14, 2018), sofrendo violências de natureza linguística, epistêmica e física, que modificaram seu modo de existir quando condicionados a se unirem a culturas desconhecidas, alterando a sua subjetividade. Na prática cotidiana é a forma como as pessoas discriminam pela cor da pele, crença, fenótipo, cultura e raça, classificações que desumanizam o sujeito negro e a sujeita negra e criam dispositivos políticos para subalternizar e alterar a estrutura econômica da sociedade, impedindo seu desenvolvimento devido a dominação, exploração e extermínio de um povo por outro que acredita ser universal e onipotente.

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação, que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2020, p. 32)

Possivelmente o maior dispositivo racista criado pelo poder hegemônico no Brasil tenha sido a política de branqueamento. Lélia Gonzalez (2020, p. 33, grifo nosso) dizia que: “A ideologia do branqueamento se constitui como pano de fundo dos discursos que exaltam o processo da miscigenação como expressão mais acabada de nossa *democracia racial*”. O famoso quadro *A redenção de Cam*, pintado pelo espanhol *Modesto Brocos*, no séc. XIX, retrata as intenções dos governantes da época de embranquecer a população brasileira.



**Figura 2:** "A Redenção de Cam" (1895), de Modesto Brocos. Disponível em: <<https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil>> Acesso em 31 de maio de 2023.

Interpreto a imagem acima da seguinte maneira: à esquerda *a mulher negra de pele preta, olha e ergue as mãos para o céu, em sinal aparente de agradecimento por sua filha e neto terem nascido com a cor da pele não preta*. Ela representa a mãe da moça sentada com o bebe branco no colo. A moça é uma mulher negra de cor parda, provavelmente gerada pelo estupro de sua mãe. À direita o homem branco que casou com a moça e lhe concedeu a “benção” de ter um filho branco.

A imagem nos transmite a ideia de redenção, superioridade e domínio da raça branca, *Cam* é o divino salvador por *embranquecer* a família. Constatamos que as mulheres representam a subjugação e docilidade frente a purificação de sua raça, considerada impura, demonizada pelo colonizador.

Cabe lembrar que o extermínio da população negra, originou-se no estupro das mulheres africanas. “O crime de violação e de subjugação sexual cometido contra a mulher negra pelo homem branco continuou como prática normal ao longo das gerações.” (NASCIMENTO, 2016, p. 83) Corroboramos com Nascimento, em um de seus textos, organizados recentemente por Flávia Rios e Márcia Lima, (2020, p. 202), Lélia Gonzalez: “(...) esse papo de que a miscigenação é prova da “democracia racial” brasileira não tá com nada. Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou do estupro (...)”. As ideias dos intelectuais explicam o mito da *mulata*, animalização e erotização do corpo negro.

No quinto 80% dos adolescentes negros, eram pardos e algumas estudantes de cor de pele parda tinham dificuldade em se reconhecerem como meninas negras: *eu sou morena de pele clara; eu sou café com leite; me acho com cor de chocolate*; Nota-se nas respostas

das meninas a necessidade de se verem com a cor da pele mais branca do que preta, por se sentirem mais “aceitas”? É provável.

O assunto transitou sobre um tema que tem causado polêmica, o *colorismo*, o termo surgiu em 1982, pela escritora *Alice Walker* e se refere a variação no tom de pele das pessoas negras. No entanto, não foi nosso interesse discutir o assunto, porque eu entendo, assim como outras pessoas negras, que essa discussão enfraquece o movimento negro e poderia nos colocar, em determinado momento, em acordo com o pensamento de que há democracia racial brasileira (1998), já que grande parte da população brasileira autodeclarada parda corresponde a 47% da população, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, PNAD, realizada em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

No entanto, a política de *eugenia*<sup>6</sup> está fixada na base da sociedade brasileira e configura a disparidade socioeconômica e política favorecida no passado pela cedência e compra de terras aos europeus, o direito ao latifúndio. Incluo, a concessão de “liberdade em 1888” aos negros e negras, na verdade tratava-se de exoneração das responsabilidades do império regido por Portugal sujeitando-os a continuarem em condição de escravizados e escravizadas, ainda que libertos/as, pois estavam sem teto e sem terra, obrigando-os, com o passar do tempo, a formarem comunidade em cima dos morros, a favela - símbolo de resistência e de luta ao genocídio negro denunciado por Abdias Nascimento nos anos 70. Há uma passagem em *Becos da Memória de Conceição Evaristo* (p. 31-32, 2017), em que a personagem Maria Nova descreve: “As tardes na favela costumavam ser amenas [...]. A montanha lá longe, o mundo, a favela, os barracos. [...]”. A favela de hoje foi a senzala de ontem, Evaristo sobre isso enfatiza em sua obra, quando compara o modo geográfico que mulheres faveladas vivem em relação às de classe social elevada. Continuemos a ler o mesmo parágrafo do livro: “[...] A igreja do bairro rico, ao lado da favela, [...] Maria Nova lá ia pedir selos. Ganhava das patroas da sua mãe e de sua tia. [...]” (EVARISTO, p.32, 2017).

---

<sup>6</sup> É a seleção dos seres humanos com base em suas características hereditárias. Termo criado pelo cientista Francis Galton (1812-1911) [...] O Brasil foi o 1º país da América do Sul a adotar essa ideia com base no racismo. <Disponível em: <Eugenia: significado, movimento e no Brasil - Toda Matéria> Acesso em 27 de maio de 2021.

### 3.3 Educação Antirracista

À ação social de pessoas negras e brancas frente ao racismo denominamos de antirracismo. Sobre isto, a filósofa afro-estadunidense Angela Davis, mencionou a seguinte frase em 1981: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.”. No entanto, antes de discorrer a respeito, precisamos responder a pergunta: o que é racismo?

Silvio Almeida (2020) conceitua o racismo enquanto forma “sistêmica de discriminação” a partir da ideia de superioridade racial e suas consequências socio-histórica e cultural na estrutura da sociedade brasileira. González por sua vez, nos falará da necessidade de construção de uma *identidade amefricana*<sup>7</sup> e discorre a respeito do racismo valendo-se de uma coloquialidade (GONZÁLEZ, 2020), dizendo que é o reflexo de um passado e nos faz compreender o cotidiano marcado pela violência contra corpos juvenis negros, garotos de baixa escolaridade, com idade entre 15 e 29 anos como demonstram os registros no Atlas da Violência no Brasil (2021). Em suma, a conceituação de racismo para Lélia Gonzaléz, assim como para Abdias Nascimento, se dá com base na crítica a teoria da mestiçagem, da boa convivência racial de Freyre (1998), inexistente até os dias atuais em nosso país.

Portanto, primeiro temos que ter consciência que nós, pessoas negras somos maioria, não minoria e que as desigualdades sociais se caracterizam pelo racismo à brasileira que extermina e marginaliza corpos negros.

[...] a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. [...]. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso. [...] Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira [...] ou prostituta. [...] Portanto têm mais é que ser favelados (GONZALEZ, 1984, p. 225, 226).

A filósofa e escritora Djamila Ribeiro publicou em 2020, o *Pequeno Manual Antirracista*, em minha opinião uma provocação sobre a internalização e naturalização do racismo na sociedade brasileira. Um convite para repensar comportamentos e discutir questões associadas à branquitude e à negritude, objetivando compreender o impacto sócio-histórico-cultural no país ao longo dos séculos. Djamila alerta para o “Mito da Democracia Racial no Brasil”, então: “[...]fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do

---

<sup>7</sup> Uma possibilidade de identidade perante o continente americano que engloba as experiências vividas por pessoas negras e indígenas frente à dominação colonial.

que parece 'natural, é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros” (RIBEIRO, p.22, 2019). Essa é uma atitude antirracista.

Vejamos a seguir algumas leis que embasam a educação antirracista, favorecem as mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e protegem as mulheres que estão ou já estiveram em situação de violência doméstica.

No Brasil do Séc. XXI, existe o empenho em legislar para amparar, proteger e ajudar mulheres de baixa renda, como a Lei 10836/04, Programa Bolsa Família, a Lei Maria da Penha, 11.340/06, que atua na proteção e coibição de situação de violência e a Lei do Feminicídio, 13.104/15, classificando como crime hediondo o assassinato de mulheres, desencadeando menos impunidade, no entanto, a Organização Mundial da Saúde, OMS, classifica nosso país em 5º lugar no mundo, quando o assunto é violência contra a mulher seguida de morte. De modo geral a violência contra a mulher aumentou desde 2019 conforme o relatório da Violência contra Meninas e Mulheres de 2022, Fórum Brasileiro de Segurança Pública. O documento aponta que em 2021, 62% das vítimas foram mulheres e meninas negras, 37,5% brancas, 0,3% amarelas e 0,2% indígenas. Por essa razão a abordagem é interseccional.

A ausência de articulação entre raça, classe e gênero, tanto na teoria feminista quanto na produção afrocêntrica por certo criou inobservâncias interseccionais produtoras do alarmante cenário de violência contra as mulheres negras, pois ainda, na década de 1980, logo após surgirem as primeiras delegacias da mulher, as publicações feministas trabalhavam a mulher universal. (AKOTIRENE, 2020, p. 55).

O assunto com o *quinto* fluiu a partir de trechos das autoras citadas por sua linguagem casual e de fácil compreensão. Assim contextualizei com os dados estatísticos e a história de João Alberto Silveira Freitas<sup>8</sup>, estimulando as/os estudantes a contarem situações semelhantes vivenciadas na comunidade.

### **3.4 Educação Antimisógina**

No quinto, alguns meninos e meninas inferiorizavam as meninas negras, em momentos aleatórios, comparando-as com bichos, pondo em dúvida sua capacidade

---

<sup>8</sup> Homem negro de 40 anos, espancado até a morte por seguranças de uma rede de supermercados em Porto Alegre, RS, em 20 de novembro de 2020, data alusiva ao Dia da Consciência Negra. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-super-mercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghml>>

intelectual, seu caráter, proferindo palavras de baixo calão, desmerecendo-as quando as investidas não eram correspondidas. Sobre isso, as meninas relataram que muitas vezes eram até agredidas fisicamente, caso o menino fosse rejeitado. A fala foi coletiva, constatando-se na turma que o *arreganho* também era misógeno.

Alguns questionamentos surgiram a respeito do termo a ser empregado, *seria viável usar o termo sexismo ou misoginia para o problema?* O *sexismo* abarca o comportamento misógeno e está assentado na discriminação de sexo ou na diversidade de gêneros e *misoginia* é aversão e depreciação da mulher, podendo levar a violência, ao ódio e, até ao *Feminicídio*. O que identifiquei no *quinto* foram comportamentos misógenos, agressão e depreciação das meninas, sobretudo das meninas negras, indicando que a misoginia implica questão racial em nosso país e, assim como o racismo, ela é discriminatória. Consequência de uma cultura patriarcal e colonial. Recordo o dito popular em Abdias, (2016, p.75, grifo nosso): “Branca para casar; Negra para trabalhar, **Mulata** para fornicar.”

Sabe-se também que as mulheres e meninas negras não têm as mesmas oportunidades que mulheres e meninas brancas, portanto educação antimisógena é fundamental na construção das políticas públicas, pois são as negras que estão, em maior número, fadadas à exclusão social e a permanecerem na linha da pobreza de acordo com o Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça no Brasil:

Da **população negra**, aproximadamente a **metade é composta de mulheres**. As mulheres negras são mais de 41 milhões de pessoas, **o que representa 23,4%** do total da população brasileira. São estas que **sofrem com o fenômeno da dupla discriminação**, ou seja, estão sujeitas a “múltiplas formas de discriminação social (...), em consequência da **conjugação perversa do racismo e do sexismo**, as quais resultam em uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida”<sup>1</sup>. **As discriminações de gênero e raça** não são fenômenos mutuamente exclusivos, mas, ao contrário, **são fenômenos que interagem**, sendo **a discriminação racial freqüentemente marcada pelo gênero**, o que significa, portanto, que as mulheres tendem a experimentar discriminações e outros abusos de direitos humanos de forma diferente dos homens. (IPEA, p. 5, 2021, grifo nosso).

Os últimos relatórios dos fóruns sobre violência contra a mulher e meninas, da Secretaria de Segurança Pública, registraram durante a pandemia de covid-19, no período de março de 2020 a dezembro de 2021, 2.451 feminicídios e 100.398 casos de violência sexual. De acordo com o fórum, os dados expostos “servem de alerta à sociedade brasileira de que a violência, em suas diferentes formas, segue como um dos principais obstáculos ao empoderamento feminino” (...). Já o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA) publicou em 2019, os seguintes dados referentes aos óbitos causados por crime de ódio e agressão física

às mulheres: mulheres negras (pretas e pardas) correspondem a 66% das vítimas fatais e as não negras (indígenas, brancas e amarelas), 34%. Os especialistas alertam que o risco da mulher negra ser morta é quase duas vezes maior em relação à mulher não negra. Vidas de meninas e mulheres negras importam e não é *mimimi*<sup>9</sup>.



**Figura 3:** Foto de arquivo de Bruna Quirino<sup>10</sup> Instagram/ reprodução

#### **4. Pontuando a (in) visibilidade da mulher negra no Cinema, na História e Literatura**

Problematizei o racismo e a misoginia em relação à mulher negra, no cinema e em episódios de histórias reais de feitos heroicos de mulheres africanas, afro-brasileiras, na literatura de ficção associadas a narrativas de vida e ao cotidiano. Elenquei cenas de filmes, porque são *nativos digitais*<sup>11</sup> e as mídias captam a atenção, tornando o assunto mais interessante, outro fator foi o distanciamento social causado pela pandemia. O espaço da escola agora era a sala múltipla, lugar pouco explorado por eles na escola. Na sala exibiu cenas de filmes animados como: *A princesa e o Sapo* (2009), *Cinderela* e múltiplas versões, inclusive a mais recente, da Amazon no Prime Vídeo, *Cinderella* (2021), com a cantora e

---

<sup>9</sup> É uma expressão usada na comunicação informal para imitar uma pessoa que reclama; conotação pejorativa. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/mimimi/#:~:text=Mimimi>> acesso em: 03 de julho de 2022.

<sup>10</sup> Influence hair paulistana, tinha 38 anos quando foi assassinada pelo marido em 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/09/06/-valinhos.ghtml>> acesso em: 15 de julho de 2022.

<sup>11</sup> O conceito de nativos digitais foi cunhado pelo educador e pesquisador Marc Prensky (2001) para descrever a geração de jovens nascidos a partir da disponibilidade de informações rápidas e acessíveis na grande rede de computadores – a Web. Disponível em: <[https://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo\\_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf](https://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico7/TECNOLOGIAS%20DIGITAIS%20E%20ACOES%20DE%20APRENDIZAGEM%20DOS%20NATIVOS%20DIGITAIS.pdf)> acesso em: 15 de julho de 2022.

atriz Camila Cabello. A pergunta era: *há visibilidade ou não de personagens negras no cinema?*

Assistimos, também, uma cena do Rei Leão (2019) com o objetivo de questionarmos como o cinema mostra o território africano, comparando imagens da animação a cenários reais do Quênia, pois foi o território contextualizado no filme, gerando perguntas: *Porque o rei leão no filme animado não foi representado por uma pessoa africana? Alguém completou: \_ sim! O leão poderia se transformar como na Bela e a Fera!* Então, mostrei a cena da fera em desenho e filme no momento da metamorfose e depois uma imagem de mulheres africanas naturais do Quênia. Era perceptível, mesmo que alguns fizessem o *arreganho/ piadas* em relação à imagem, muitos saíram da sala reflexivos. Era o despertar do pensamento crítico, de enxergar o que há por trás das imagens, as verdades (hooks, 2021).

O pensamento crítico é um processo interativo, que exige participação tanto do professor quanto dos estudantes. [...] requer discernimento. É uma forma de abordar ideias que tem por objetivo entender **as verdades** centrais, subjacentes, e não simplesmente a verdade superficial que talvez seja a mais óbvia. (hooks, 2021, p.34, grifo nosso).

Para elucidar o pensamento de hooks sobre *verdades*, distribuiu-se uma série de nomes e imagens de pessoas negras e brancas para serem representadas pelos estudantes. A brincadeira consistia em realizar mímica, desenho no quadro e indicar as características, por exemplo, de um anjo, uma escritora, uma médica, uma advogada, uma empresária entre outras representações, convidando-os a demonstrar a frente da turma seu *personagem*, por fim, associar os aspectos à figura que haviam recebido. À medida que a brincadeira acontecia, cruzamentos entre raça, gênero, classe social surgiam e eu registrava em um cartaz sem intervir. Ao término, coleei o cartaz junto ao quadro para que pudéssemos visualizar os registros e, perceber os estereótipos e preconceitos que criamos das pessoas. O quanto está implicado com a nossa cultura, com os nossos valores morais e éticos e que, em relação às mulheres negras, havia mais dois fatores, os quais desnaturalizam sua presença e representatividade nos diferentes papéis sociais indicativos de poder, *o racismo e a misoginia*, agravados a partir da percepção compartimentada de gênero, raça e classe. Confirmando a característica *interseccional* da temática, porque é impossível dissociar os marcadores em relação às pessoas negras em suas causas sociais. “A interseccionalidade instrumentaliza os movimentos antirracistas, feministas e instâncias protetivas dos direitos humanos a lidarem com as pautas das mulheres negras” (AKOTIRENE, 2020, p. 62).

A raça só existe por conta daquilo que não vemos. Para além daquilo que não vemos, não existe raça. Com efeito, o poder-ver se exprime inicialmente no fato de que aquele que escolhemos não ver nem ouvir não pode existir nem falar por si só. No limite é preciso calá-lo. Em todo caso sua fala é indecifrável ou, no mínimo, inarticulada. É necessário que alguma outra pessoa fale em seu nome e em seu lugar, [...]. (MBEMBE, 2018, P. 199-200)

A fim de ilustrar e despertar o pensamento crítico dos estudantes pesquisadores sobre a visibilidade assertiva de mulheres negras, contei feitos históricos de mulheres africanas e afro-brasileiras, assistimos cenas de filmes das grandes governantes africanas, Cleópatra VII<sup>12</sup>, (69 aC a 30 aC), a qual teve sua história produzida no cinema e na TV norte-americana, porém estereotipada e racializada. Já Nzinga Mbandi<sup>13</sup> de Angola, (1583-1663), foi exaltada pelo cinema angolano em 2013. Por sua vez, Teresa de Benguela<sup>14</sup>, que viveu no séc. XVIII - líder do Quilombo do Quariterê no Brasil e Maria Firmina dos Reis<sup>15</sup>, (1822-1917), professora, primeira escritora abolicionista negra brasileira, permaneceram no anonimato da História do Brasil por longo tempo, obtendo reconhecimento na atualidade.

Observamos que a negação da presença negra na mídia está fundamentada na ideia ocidental de “Homem Universal” e suas implicações de poder e exaltação de um padrão de força e beleza feminina ocidental. A ideia era essa, problematizar e fazer a turma perceber como a imagem da mulher negra é reproduzida ou não no cinema, como suas histórias são publicadas. Após assistirmos trechos dos filmes e escutarmos os feitos históricos, provoqueei os estudantes: *\_Vocês acham que o povo brasileiro pensa que é mais branco do que negro? Ficaram em silêncio e um dos meninos respondeu: \_ Eu acho que sim, a gente não se acha negro.* A resposta nos levou a conhecer os registros de pesquisa sobre as características dos

---

<sup>12</sup> A história de Cleópatra foi romantizada e estereotipada no cinema sob o título de *Cleópatra, a rainha do Nilo*, interpretada pela atriz norte-americana não negra Elizabeth Taylor na década de 60. Disponível em: <<https://olharesdomundo.wordpress.com/2016/06/18/negros-encontram-representacao-na-ancestralidade-egipcia/>> . Acesso em: 09 de agosto, 2021.

<sup>13</sup> Grande líder dos reinos de *Ndongo e Matamba*, no séc. XVII, atual Angola, símbolo da resistência do povo angolano frente ao domínio português. Tinha grande diplomacia e enfrentou a corte portuguesa. Fonte: UNESCO. Njinga a Mbande: Rainha do Ndongo e do Matamba. Série Unesco Mulheres na História da África. Busca da preservação da memória. PDF, 2014.

<sup>14</sup> Liderou por 20 anos o Quilombo, no estado do Mato Grosso. Essa mulher, de local de nascimento desconhecido, instituiu um parlamento na administração política do Quariterê. Disponível em: <<https://www.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/noticias/220-tereza-de-benguela-a-escrava-que-virou-rainha-e-liderou-um-quilombo-de-negros-e-indios>> Acesso em 15 de setembro de 2021.

<sup>15</sup> Escritora, professora, criou a primeira escola pública e mista do Brasil. Firmina escreveu *Úrsula*, um dos primeiros romance abolicionista brasileiro e, com personagens protagonistas negros. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>> Acesso em 07 de abril de 2023.

brasileiros quanto a raça, acessando o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) 2021, 43,0% dos brasileiros se declararam como brancos, 47,0% como pardos e 9,1% como pretos”. Os registros mostram que o povo brasileiro é mais negro do que branco, pois a população negra é a soma de pretos e pardos, correspondendo então a 56,1% da população.

Agora, eu percebia no olhar, no jeito de agir o quanto as histórias de mulheres negras haviam impactado, senão todos, grande parte da turma. “Histórias encantam e seduzem devido a sua mágica multidimensionalidade”. (hooks, 2021, p. 90)

A partir deste momento, contei a história "Ombela de Ondjaki" (2021). Fizemos uma sequência de oficinas para apresentar à educação infantil e aos anos iniciais na Semana da Consciência Negra - SECON, em novembro de 2021, a “Performance teatral Ombela - a origem da chuva, de Ondjaki”.

## **5. Contação de história ficcional**

### **5.1 Ombela, A Origem das Chuvas - Ondjaki**

“Dizem os mais-velhos que a chuva nasceu das lágrimas de Ombela, uma deusa que estava muito triste”. (ONDJAKI, 2015, p. 7). A história ficcional *Ombela, a origem das chuvas*, escrita por Ondjaki, premiado escritor angolano, foi o conto escolhido para incitar nosso diálogo sobre ancestralidade, oralidade e sentimentos. Este conto é baseado na cosmopercepção africana e revela a importância dos sentimentos de alegria e de tristeza, aproximando-os do tema de pesquisa sobre o enfrentamento ao *arreganho* em sala de aula.

Para além de sua cosmologia africana, ao retratar a natureza e sua conexão com os deuses, Ombela é a deusa da chuva, que com suas lágrimas salgadas dará origem aos oceanos e suas lágrimas de alegria, darão origem aos rios e lagos, a água doce que, em determinado momento, Ombela demonstra consciência ecológica: “Estou triste e vou chorar... mas para que minhas lágrimas não matem os bichos nem as pessoas que vivem na Terra, vou deixar que tenham muito sal e que alimentem todos os mares”. (ONDJAKI, 2015, p. 9). Seu pai também é um deus que não se importa de mostrar suas dores e alegrias, demonstrando característica humana e simplicidade “E tu, pai, quando estás triste, o que te acontece? - Fico mais pequenino, filha. - Os deuses podem ficar mais pequenos? - Podem - respondeu o pai de Ombela. - Os deuses, com o passar do tempo, ficam cada vez mais

pequenos”. (ONDJAKI, 2015, p. 13). Essa narrativa se baseia no pensamento anímico, naturalmente encontrado na cultura religiosa de matriz africana. Em pouco tempo, inventou-se uma biografia fictícia - *Ombela de cada um* - Uma estratégia para escreverem sobre si mesmos. O escritor nos sensibiliza com um texto com linguagem simples e sensível capaz de envolver e provocar conexões com os adolescentes em sala de aula.

“Contar histórias é uma das maneiras que temos para começar o processo de construção de comunidade dentro ou fora de sala de aula. Podemos compartilhar tantos fatos verídicos quanto histórias fictícias que nos ajudem a compreender uns aos outros” (HOOKS, 2021, p. 89).

### 5.2.2 Estruturando a performance *Ombela*

A obra contempla a lei federal 11645/08 e as diretrizes propostas pela emenda municipal 13/2018, que versam sobre a Educação para as Relações Étnico Raciais, conforme exposto na introdução desse artigo, pois a história estabelece uma conexão com a *África*, sua cultura, oralidade e religiosidade. Proporcionando a identificação das adolescentes negras da turma com a personagem *Ombela*. Como em trechos da história em que falavam dos sentimentos de alegria e de tristeza, sentimentos esses comuns entre os adolescentes, todavia potencializados pelos atravessamentos de racismo recreativo e misoginia vivenciados em sala de aula. Outro fator importante eram as imagens, muito bem reproduzidas na diversidade de cores e traços da brasileira Rachel Caiano, artista plástica. Suas cores vivas atraem os olhares e encantam, despertando a vontade de folhear o livro e reproduzir as imagens. O que de fato fizeram, compartilhando interpretações, emoções, impressões e admirações. Ao saberem que a ilustração do livro foi feita por uma artista brasileira, queriam saber se ela e o escritor eram amigos, onde moravam e qual era a raça deles. A origem de Ondjaki foi logo descoberta porque recordaram a história da matriarca Nzinga: *\_ Professora iara, a rainha jinga é do mesmo país que Ondjaki? Que língua se fala em Angola? Em que parte da África fica?* Respondi que em Angola se fala português, ainda que tivessem outras línguas de origem, assim como no Brasil. Nota-se que o fato do escritor ser angolano e a ilustradora brasileira estabelece uma interculturalidade, de certa forma observada pelos estudantes. Causando a vontade de saber mais sobre o autor, seu país de origem, seu idioma, sua raça.

A curiosidade nos fez ir à biblioteca olhar o globo terrestre e assistir um vídeo sobre a história de Angola da BBC News e as afinidades com seu povo Banto. Descobriram que os angolanos têm muito em comum conosco e muitos dos nossos ancestrais são de lá,

lamentavelmente, nossos laços foram pela escravização. Citei dois povos *banto* que fazem parte da nossa ancestralidade: Quicongo, Quimundo. Falamos de palavras usadas em nosso dia a dia de origem *banto* que lemos no livro *Falando Banto*, de Eneida Gaspar (2007) e escutamos Jongu, herança musical, dança e ancestralidade angolana.

Depois retomei o livro *Ombela*, a fim de memorizarmos a performance e escolhermos algumas imagens para serem reproduzidas, pois os desenhos seriam parte do roteiro. Enquanto desenhavam, alguém perguntou se a árvore na capa do livro era o *baobá*, ao pesquisarmos descobri que era uma árvore típica de Angola, chamada de *embondeiro*. As imagens do livro demonstram a cultura africana e o texto revela a importância do conhecimento transmitido pelos mais sábios. Isto está implícito na expressão *mais-velhos* a qual também faz referência a contação de histórias passadas de geração em geração. “Se essa chuva cai sobre o mar, *Ombela* está triste” (ONDJAKI, 2015, p. 32); “Se cai sobre a terra, sobre os rios, sobre os lagos, *Ombela* está feliz.” (ONDJAKI, 2015, p. 33). Outra questão muito importante trazida neste conto é a visibilidade da mulher que, enquanto deusa, faz referência a cosmologia africana, ao mesmo tempo se estabelece uma relação com a realidade.

Descrevo a seguir os corpos *protagonistas* a circular e performar cenas do reconto da *Ombela* construído coletivamente, bem como os adereços e objetos sugeridos pelos participantes, como as folhas de papel celofane nas cores azul e verde. Havia meninos e meninas que estavam dispostos em dois semi-círculos, à esquerda seguravam as folhas azuis e à direita verde simbolizando, respectivamente, as águas salgadas e doces formadas pelas lágrimas de *Ombela*. Ao centro há um círculo formado apenas por meninas representando as águas da chuva. No meio desse pequeno círculo uma outra menina segurava uma sombrinha, com adereços em crepom.

À medida que o reconto era narrado por mim, os adolescentes movimentavam seus corpos em espiral (MARTINS, 2020), suas emoções se fundiam a narrativa, vivenciado-a. A música fluía em sintonia com a espontaneidade das/ dos adolescentes. Eu podia sentir a nostalgia e energia ancestral presente. Havia cooperação, afetividade, coletividade e respeito entre eles e a cada movimento eles demonstraram ter internalizado na prática os valores elencados ao longo do processo criativo.

Aproveito para agradecer aos professores e professoras do programa, mestrado profissional em artes, PROF-ARTES, UDESC, que se esmeraram em suas disciplinas, seminários e construíram conosco essa experiência em teatro na escola. Agradeço em particular meu orientador, professor Vicente por seu afeto e acreditar no meu pré-projeto de

pesquisa. Ser incansável em suas observações, indagações, incentivando-me a permanecer e continuar a andar em busca da liberdade de pensamento e ação no espaço escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *escrevivências* de fatos da minha vida, do cotidiano de meninas negras, os feitos históricos de mulheres afro-brasileiras e africanas e a história ficcional de Ondjaki, Ombela, sobre a visibilidade negra no imaginário social e a cosmopercepção africana, alteraram sutilmente o discurso e a corporeidade no *quinto*. Sentimentos de tristeza e alegria revelados nas lágrimas da personagem, trouxe à cena corpos negros em movimento circulares para performar a oralidade e a ancestralidade africana. Embora os fatos estivessem no passado e no imaginário, as/os adolescentes legitimaram suas narrativas, abrindo-se ao diálogo em um período tão atípico, caracterizado pelas mudanças na dinâmica escolar quanto ao processo de ensino-aprendizagem, causando mais dificuldade na relação socioafetiva (COVID-19).

Concerne dizer que o distanciamento social não nos impediu de compartilhar saberes e entender que a hostilidade em sala de aula não era *arreganho* no sentido de brincadeira, zoeira, contudo, tratava-se de comportamento misógeno, racista, resultando em sofrimento físico e emocional sobretudo nas meninas negras do *quinto*. Assim, nas rodas de conversa foi possível perceber as vozes oprimidas, as dores, as angústias, os desejos, as alegrias e tristezas vislumbrados em um sorriso, choro, em um abraço. Gesto que emanava energia de troca e gratidão, por intermédio da contação de histórias e narrativas cotidianas em conjunto, ao propor encenações produzidas na animação de bonecos, objetos, criação de adereços, produção de vídeos curtos e da escrita-criativa.

Nesses encontros de interações e trocas permitiam-se enxergar a real dimensão do que era *arreganho* e o que não era, consolidando o *Pretagonista*, ampliando o conhecimento sobre culturalidade e ancestralidade africana.

Portanto, pensar a minha prática coletivamente para (re)avaliar as aprendizagens proporcionou a criação do coletivo de Teatro Experimental Infantojuvenil TEJA, uma possibilidade de Educação para as Relações Etnico Raciais (ERER) sobre um passado recente da trama social, histórica, cultural e política da resistência, luta e superação do povo negro que reflete no modo de existir dos seus descendentes. Além disso, fortalecemos nosso vínculo afetivo, demonstrando que o amor e o afeto devem estar presente em nossa prática pedagógica e artística como nos ensina bell hooks, no intuito de constituir uma comunidade com consciência crítica em sala de aula.

Desse modo, dizer que o *Pretagonista* oportunizou performar os princípios africanos de circularidade, ancestralidade e oralidade em sua dimensão coletiva e experimental (ouvir, falar, agir, conhecer e partilhar), é real. Indo ao encontro de valores ancestrais para enfatizar a visibilidade assertiva da sujeita negra, do sujeito negro na literatura, nas concepções de intelectuais negras e negros, como nos ideais de Abdias e Evaristo. Não se está afirmando que o *Pretagonista* mudou o comportamento de todas/os as/os participantes, todavia, os relatos de professoras e estudantes do *quinto* afirmam que o *arreganho* no sentido hostil tinha reduzido em sala de aula. Inclusive no final do ano letivo de 2021 fui surpreendida com cartas das/dos adolescentes em agradecimento pela atenção, afeto e acolhimento. No memorial pode-se ler um dos relatos transcritos e uma das cartas, bem como, acompanhar os principais momentos da trajetória da pesquisa expostos no artigo e acessar os registros em vídeos e gravação de voz através dos links que os conduzirão às minhas redes sociais e do coletivo.

A escola é um espaço democrático de saberes, conhecimentos e possibilidades para enfrentar a misoginia e o racismo recreativo, por essa razão, ouvir histórias ficcionais e reais, relatos cotidianos podem potencializar a existência negra e gerar consciência do outro a partir de si mesmo, para então vivenciar um *Teatro Experimental* almejando conhecer a existência, a representatividade social, histórica e territorial de pessoas negras, reconhecendo-se a si mesmo e anunciar na comunidade escolar as potencialidades culturais, os saberes ancestrais pelo eco da voz *pretagonista* infantojuvenil que desvela o cotidiano e mistura-se à ficção pela literatura e múltiplas *escrevivências*.

Por essa razão é preciso transcender a sala de aula e inscrever a representatividade da negritude no currículo escolar, na tentativa de desnaturalizar a cultura do *arreganho* quando se tratar de preconceito e discriminação e promover a educação antirracista e antimisógina na escola. Minhas inquietações permanecem para surgir novas perguntas a circular na teatralidade de corpos negros.

*Laroyê Exu e pombo-gira* que me guiam por esse caminho. Eparrei Oyá.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro).

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro).

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2021. **Homicídios de mulheres negras e não negras no Brasil**. Daniel Cerqueira et al. São Paulo: FBSP, 2021. pp. 38 - 39.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel: O menino fula**. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. 4.Ed. São Paulo: Pallas Athena, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)> ; acesso em: 05 de maio de 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC. Brasília: MEC, 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 8.069, de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm)> Acesso em: 05 de maio de 2023.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 14.284, de 29 de dezembro de 2021**. Programa Bolsa Família e o Programa de Aquisição de Alimentos. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/Lei/L14284.htm#art46](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14284.htm#art46)>. Acesso em: 02 de janeiro, 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm)>. Acesso em: 02 de dezembro, 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 11.340 de 07 de agosto de 2006**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> . Acesso em: 02 de dezembro, 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 13.104 de 09 de março de 2015. Lei do Feminicídio**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm)>. Acesso em: 02 de dezembro, 2021.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Lei de Cotas. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm)>. Acesso em: 02 de dezembro, 2021.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 3, de 10 março de 2004. Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações**

**Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana.**

Brasília: MEC, 2004. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>. Acesso em: 05 de julho de 2021.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Socioeconômico. **Boletim Especial 20 de novembro - Dia da Consciência Negra.** Desigualdade entre negros e não negros se aprofunda durante a pandemia, 2021.

DUARTE, Constância L. Et al.. **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo /Org. (s). Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória.** 3ª ed. Rio de Janeiro. Pallas, 2017.

FREYRE, G. de M. **Casa grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Ed. 34. Rio de Janeiro: Record, 1998.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022.** Disponível em:

<<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contra-meninas-mulheres-2022-1sem.pdf>>. Acesso em: 04 de julho, 2022.

GELEDÉS - INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Feminicídio de negras cresce em dez anos como sintoma da desigualdade.** Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br>> Acesso em: 12 de dezembro, 2022.

GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano:** Ensaios, intervenções e diálogos. 1.Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

\_\_\_\_\_, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HERMÍNIO, Beatriz. **A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo.** Instituto de Estudos Avançados - IEA - Universidade de São Paulo - USP. Disponível em:

<<http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

HOOKS, bell. **Olhares Negros:** Raça e representação. Tradução: Stephanie Borges. 1.Ed. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_, bell. **Aprendendo Comunidade:** Uma pedagogia da esperança. Tradução: Kenia Cardoso. 1.Ed. São Paulo: Elefante, 2021.

\_\_\_\_\_, bell. **Aprendendo Pensamento Crítico:** Sabedoria prática. Tradução: Bhuvli Libanio. 1.Ed. São Paulo: Elefante, 2020.

\_\_\_\_\_, bell. **Tudo Sobre o Amor:** Novas perspectivas. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Anuário estatístico do Brasil / IBGE**. Rio de Janeiro : IBGE, v. 81 editado pela Diretoria Geral de Estatística do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, 2021.

\_\_\_\_\_. **Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas a desigualdade em relação aos brancos permanece.** Agência IBGE notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdade-em-relacao-aos-brancos-permanece>>. Acesso em: 14 de novembro, 2021.

\_\_\_\_\_. **Cor ou Raça.** disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 20 de março, 2023.

INSTITUTO PALMARES. **Personalidades Negras:** Mercedes Baptista. Disponível em: <[https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=33210](https://www.palmares.gov.br/?page_id=33210)> Acesso em: 31 de maio de 2023.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do Tempo Espiral:** Poéticas do corpo-tela. 1.Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** Tradução: Sebastião Nascimento, São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOREIRA, Adilson. **Racismo Recreativo.** São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do Negro Brasileiro:** Processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

\_\_\_\_\_, Abdias. **Teatro Experimental do Negro:** trajetória e reflexões. In.: Estudos Avançados. Vol. 18. N.º 50. São Paulo: 2005, pp. 209-224.

NOGUEIRA, Sidney. **A Encruzilhada é um lugar de Cura.** Instituto Racionalidade. Entrevista concedida a Clarissa Henning. 2022. Disponível em: <<https://institutoracionalidades.com.br>>. Acesso em 05 de julho de 2022.

ONDJAKI. **Ombela:** A origem das chuvas. Rio de Janeiro: Pallas Míni. 2018.

PAULA, Emerson. **O texto do negro ou o negro no texto.** Rio Branco : Stricto Sensu, 2021.

PETIT, Sandra Haidèe. **Pretagogia** - Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores. Contribuições do Legado Africano para a implementação da Lei nº 10.639/03. EDUECE. 1ª edição. Fortaleza, 2015.

RACISMO. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em:< <https://dicionario.priberam.org/racismo>>. Acesso em 03 de julho, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** São Paulo: Cia das Letras, 2021.

\_\_\_\_\_, Djamila. **Lugar de Fala.** São Paulo: Editora Jandaíra,, 2020. (Feminismos Plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro).

RUTH DE SOUZA. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/70-anos-de-telenovelas-no-brasil-um-historico-lento-de-inclusao-para-negros/#:~:text=Cerca%20de%204%20anos%20depois,obra%20foi%20cercada%20de%20pol%C3%AAsicas>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

SARAIVA, Sueli da Silva. **O realismo animista e o espaço não-nostálgico em narrativas africanas de língua portuguesa**. Encontro Regional da ABRALIC 2007. Literaturas, Artes, Saberes. São Paulo, 2007.

SIGNIFICADOS. **Misoginia**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/misoginia/>> Acesso em: 03 de julho, 2021.

SILVA, Emerson de Paula. **O texto do negro ou o negro no texto**. Rio Branco. Ed. Stricto Sensu. 2021.

SOUSA, Neusa S. **Tornar-se Negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. 1ª edição, São Paulo: Zahar, 2021.